

A MÍSTICA CRISTÃ NA CONTEMPORANEIDADE

Aluno: Yan Piorno

Orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Introdução

No período em que vivemos, o cristianismo sofre, devido à aceleração histórica e suas respectivas demandas, com a perda de espaço na sociedade. Entender o conflito da atualização da mensagem cristã e mística com a vivência pós-moderna é o nosso desafio nesta pesquisa.

A vida de Santa Tereza Benedita da Cruz, mais conhecida como Edith Stein, nos dá conteúdo satisfatório para observarmos a vivência cristã dentro deste contexto, em que a queda das referências ideológicas, a percepção ambígua e multiforme da realidade já são características inerente em boa parte da população, que se sente fragilizada, fragmentada e sem parâmetros. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus.

Edith nos faz aprender a dialogar com as diferenças, a ser ecumênicos e a, acima de tudo, testemunhar uma vida de oração capaz de entusiasmar qualquer um no que se refere à mística.

Nosso intuito é o de desvendar nesta sociedade pós-moderna sua relação com a mística, além de observar em Edith Stein sua experiência de fé e de como esta pode contribuir para o dialogo ecumênico e ao contemporâneo pensamento cristão.

Partindo do contexto histórico hodierno, buscou-se compreender o período de transição da modernidade para a pós-modernidade, mostrando que esta nova contextualização é marcada pela crise do ser humano devido a suas decepções e reações acerca da razão absoluta. Todas as afirmações transformam-se em dúvidas constantes que tornam o ser humano um ser fragmentado, sem base fixa, o que gerou um esvaziamento do sentido de história universal. Posteriormente, é identificado o contexto do surgimento do termo “pós-modernidade” como sendo o contexto artístico que, tinha por características uma liberdade de formas e sem bases fixas tornando-a uma arte independente. Tais características serão utilizadas para expressar, também, o contexto em desenvolvimento.

Assim, fez-se necessário, a partir desse estudo, elencar algumas características dos seres humanos que fazem parte deste novo paradigma histórico. Serão vistos como sendo contraditórios, fragmentados e sucessíveis a constantes mudanças, valorizando mais a liberdade individual em detrimento da liberdade coletiva.

A idéia que o ser humano tem de Deus acompanha a idéia de transformação pela qual ele passa. Por isso, com o enfraquecimento da idéia de Deus enfraquece-se, também, a idéia de homem, ficando reduzido a uma imagem difusa e insignificante. A religião é vista como algo exclusivo e privado, onde são apenas acolhidas as verdades convenientes ao interesse de cada um. As religiões passam a ser vistas como um “supermercado” em que só se consome o que é atraente, prático e rápido.

Ao se desenvolver a mística neste contexto vemos o quanto esta é desvalorizada e desacreditada, sendo vista como algo distante e irreal. Faz-se necessário compreender que o real sentido da mística envolve o ser humano como um todo, não só no seu aspecto religioso, mas também político e social. Tal desvalorização ocorre no seu próprio desenvolvimento histórico. A mística passa a ser vista apenas no âmbito sentimental e emocional, gerando um dualismo espiritual-corporal, em que o corpo seria a “prisão da alma”, sendo por isso desvalorizada socialmente.

Assim, o verdadeiro místico cristão é aquele que, em seu tempo, realiza uma profunda experiência com Cristo e a vive dentro de sua realidade e que, a partir desta, é impulsionado a mudar o quadro de injustiça social no qual está inserido. Alguém que é atuante, não passivo e conivente com qualquer espécie de opressão.

Edith Stein ou Santa Tereza Benedita da Cruz, viveu num período de um profundo embate político. Os sentimentos intensos das guerras mundiais estavam aflorados numa inesgotável tensão global. Judia, convertida ao cristianismo no contexto de perseguição ao seu povo, nos oferece material suficiente de como a vivência mística pode ser exemplo de transformação e nutrição de fé no período em que vivemos. Como confrontar esta existência mística com a conjuntura pós-moderna, foi e é a nossa provocação.

Primeiro passo

Foi necessário ler todo o material já pesquisado pela aluna bolsista anterior, principalmente no que se refere à modernidade e à pós-modernidade. Apontamos as devidas transformações e acontecimentos na transição de um período para outro.

Percebemos a crise do ser humano diante da investida sobre a razão absoluta. Todas as afirmativas transformaram-se em dúvidas constantes, fragmentando-o. Os

parâmetros pos-modernos não são mais seguros, mas sim incertos, num vazio existencial e histórico.

Classificamos as características e estudamos a pós-modernidade e como o ser humano se transformou neste período. De como se passou a valorizar principalmente a liberdade individual. Seu entendimento de si mesmo muda e sua relação com Deus também. Modificam-se assim, seus valores e o modo de ver a sua realidade. A idéia que o ser humano tem de Deus acompanha sua forma de ver o mundo e a si mesmo. Fica tudo reduzido a uma imagem difusa e insignificante.

Em relação à mística, partimos do conceito desenvolvido numa perspectiva cristã e percebemos como ela está desvalorizada e desacreditada, como algo distante e irreal. Já que a mística cristã leva em conta a integridade do ser humano, seja subjetivo, seja em suas relações coletivas, seja em seu aspecto religioso, seja também no aspecto político e social somos levados a afirmar em nossa análise que, longe de um dualismo, a mística considera todos os aspectos em que o ser humano está inserido. Trata-se, portanto, de uma experiência humana altamente integradora.

Segundo Passo

Neste segundo passo fizemos um levantamento bibliográfico sobre a vida da Santa e o que seria pertinente para este estudo. Para isto, lemos um breve livro biográfico: *“Edith Stein - Uma Santa em Auschwitz”*, três textos sobre a Santa do livro *“Profetas e profecias: Numa visão interdisciplinar e contemporânea.”*, também o capítulo IV do livro *“As Santas Doutoras: espiritualidade e emancipação da Mulher.”* Vimos o filme *“A Sétima Morada”* e participamos de um seminário realizado na PUC, promovido pelo Centro Loyola, com a conferencista *“Professora Doutora Irmã Jacinta Turola Garcia”*. A partir da pesquisa dessas fontes podemos elencar o que seria pertinente e coerente com nossa linha de trabalho.

O primeiro livro que citamos nos dá muito sucintamente todos os detalhes da vida de Edith. Já os textos seguintes nos mostram seu lado contemplativo, sua linguagem no silêncio do amor, sua experiência mística do amor ao outro, sua busca de respostas e o encontro destas na Verdade, da “loucura da Cruz” como o começo da verdadeira felicidade. Vimos igualmente como a profetisa que antes era uma intelectual segura e uma pioneira do pensamento e da ação, ao se tornar cristã, torna-se profundamente religiosa e dócil. O Capítulo IV citado anteriormente mostra-nos como a mulher Stein consegue superar com firmeza e coragem os desafios de sua época.

Verdadeira defensora de seu gênero não titubeia ao enfrentar conceitos machistas e opressores.

O filme “*A Sétima Morada*” demonstra bem toda sua luta e do seu povo por sobrevivência e por dignidade durante as perseguições nazistas. Também exhibe os seus sofrimentos provenientes da recém entrada no catolicismo e os conflitos de sua época por ser uma mulher inteligente e independente. Perseguida, desde a academia até ao campo de concentração, liberta-se cada vez mais até seu martírio. Uma odisséia libertadora de profunda paz e intimidade com sua cruz, com Deus.

No seminário todos os pontos acima foram colocados, porém um nos chamou mais a atenção: a Irmã Jacinta fez uma leitura diferenciada do processo da, até então, dita conversão da Edith Stein. A conferencista discorre claramente que não foi um processo de conversão, mas sim uma passagem do judaísmo ao catolicismo. Não há uma ruptura com sua origem, mas uma adequação da sua fé na qual já existia a revelação cristã. Isto possibilitou um lindo diálogo com os seus parentes, principalmente com sua mãe. Ensina-nos assim, com muita ternura e humildade, o ecumenismo e o macro-ecumenismo, o dialogo inter-religioso, dimensão tão importante hoje para a teologia. E o ensina não teoricamente, mas com sua experiência e sua pratica. O diálogo está nas semelhanças e não nas diferenças.

Assim, Edith é mais do que testemunho de fé e vivência cristã. E testemunha do que significa ser verdadeiramente humana. Ela conseguiu desafiar sua época, seus medos, sua origem. Conseguiu se transformar, sem ruptura total de suas origens, mas pelo contrário, conseguindo ver o que havia de comum entre Cristianismo e Judaísmo. A partir daí foi que estabeleceu seu dialogo. Percebeu que o que havia de comum não eram só as semelhanças, mas sim que a linguagem do amor não precisa de tradução. Nos seus serviços altruístas em pleno campo de concentração e no respeito a sua mãe judia que não aceitava sua passagem ao cristianismo, ela falava com a linguagem do coração. Sua fé nestes momentos parece-nos inabalável, capaz de contagiar todos a sua volta.

Queremos colocar também que, para compreender o que os autores desejavam articular, todos os livros citados acima foram integralmente lidos, confrontados e discutidos com a orientadora e com a conferencista citada, Irmã Jacinta Turolo.

Terceiro Passo

Buscamos focar nosso trabalho nos pontos em que a Edith desempenhou um papel marcante. Nosso primeiro foco foi a questão da mulher. Seu ideal é a formação

humana em geral e a formação feminina. Sempre preocupada com a formação interior dos seus alunos, Stein tenta passar para suas alunas o desafio de se perceber como elas são e o devem ser, desdobrando sua humanidade, sua feminilidade e sua individualidade, sem deixar de notar seu enredamento e unidade. Nenhuma destas características são estudadas separadamente levando em conta suas ligações.

Para entendermos a questão do feminino e do masculino na atualidade, recorreremos ao livro *Feminino e Masculino* de Rose Marie Muraro e Leonardo Boff. Vimos em outros textos o quanto é difícil fazer qualquer trabalho ontológico em relação a este tema, por isso, recorreremos mais às questões da mulher de hoje e seus desafios. Como a Santa alemã pode nos acrescentar para encararmos o desafio de uma vivência mística confrontando com a mulher dos nossos tempos?

Conclusão

Esta pesquisa nos mostra que, apesar das diversas transformações pelas quais passa, o ser humano sempre tende a buscar o sagrado, pois necessita de um apoio na transcendência para que continue a sua luta diária em meio aos diversos sofrimentos que o afligem.

Vemos também que a figura do místico cristão é totalmente idealizada e não vista no seu verdadeiro aspecto: como um ser humano que, inserido em seu contexto e em total comunhão com Cristo, assume a vida deste como sua. Isso se reflete em sua própria experiência de vida, dentro de suas relações, dentro da história da qual faz parte. Logo, o místico cristão, mesmo em um contexto não religioso e mesmo ateu, e alguém que vive e atua, também, dentro do contexto da pós-modernidade.

Apontamos a capacidade que Edith tinha no diálogo ecumênico inter-religioso, visto que sua origem é judaica. Isso faz com que seja um arquétipo cristão devido a sua ternura ao enfrentar as brutalidades de sua época. Sua luta parece ser um bom exemplo de como, em situação conflituosa, o ser humano pode desenvolver uma mística mais autêntica. Leremos mais sobre sua vida, procurando perceber como ela pode nos responder a candente questão de como a Mística de nossa época passa por mudanças e de como isto pode ser significativo para o futuro da religião, além de influir no que se refere ao comportamento da sociedade.

Apesar da pós-modernidade não ser propícia ao religioso vemos que o homem pós-moderno busca um retorno ao sagrado. Mas essa é na maioria das vezes, pelo menos em nível consciente, uma busca por soluções de problemas psíquicos, espirituais, materiais e existenciais. Neste contexto, há hoje uma reinvenção do crer que encontra novas

maneiras de expressar a experiência de Deus e a mística cristã. Isso é o que pretendemos explorar nesta pesquisa com destaque para o caso da filósofa judia que se torna carmelita, Edith Stein

Pretendemos fazer leituras de algumas obras sobre seu pensamento e sua mística. Isso seguramente nos levará a uma reflexão mais aprofundada sobre a relação entre judaísmo e cristianismo procurando ver como estas duas pertencas religiosas se entrelaçam na experiência de Edith Stein.

Referências

- 1- VANNINI, Marco. Introdução à Mística. 1.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- 2- PEDRA, João Alberto. Edith Stein: Uma Santa em Auschwitz. 1.ed. Curitiba: Edições Rosário, 1998.
- 3- BORRIELO, L. Dicionário de mística. São Paulo: Loyola: Paulus, 2003. 1084 p.
- 4- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliana. Profetas e profecias: Numa visão interdisciplinar e contemporânea. 1.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- 5- JOSAPHAT, Carlos. As Santas Doutoras: espiritualidade e emancipação da Mulher. 2.ed. São Paulo: Edição Paulinas, 2005.
- 6- A SÉTIMA MORADA: SANTA EDITH STEIN. Direção: Marta Meszaros. Produção: Paulinas Comep. Ano de lançamento: 2007. Tempo: 110 min. Cor: Colorido. Mídia: rmvb, 236 mb. Recomendação: livre.
- 7- STEIN, Edith. **A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça**; tradução Alfred J. Keller. 1. ed. Bauru: EDUSC, 1999.
- 8- BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.